

CAPÍTULO I

13.º tripulante

A chegada de barco a Ponta Delgada é em cima da hora de almoço, numa segunda-feira do início de Junho, fechada e cinzenta, e a espaços chuvosa. Os dois primeiros dias foram bonançosos e soalheiros, mas ao terceiro dia o tempo mudou. Quando subo pela manhã à ponte de comando do *Furnas*, navio mercante da Mutualista Açoreana, que me acolheu como viajante convidado — formalmente, 13.º tripulante ocasional em regime de “extralotação”, pois não é permitido o transporte de passageiros —, o ar é mais fresco, o navio está todo molhado e mal se vislumbra a escarpada ponta oriental de São Miguel, coberta pela neblina. O mar da costa sul em que navegamos permanece calmo, protegido pela massa rochosa da ilha, que vamos acompanhando até à entrada no Porto de Ponta Delgada. Já à vista da cidade, o piloto de barra sobe a bordo dois minutos antes das 11 horas para auxiliar nas manobras finais de aproximação e atracação. A velocidade reduzida, o navio aproxima-se lentamente do cais, as espias de amarração voam até terra, o navio imobiliza-se e assim termina a viagem.

Para os homens do mar, uma vida inteira a ligar margens, foi mais uma travessia, em rigor, dois dias e meio de trabalho,

quase sem história num mar “liso”, que começou por ser de pequena vaga após a saída de Lisboa, antes de passar a ondulação larga pela proa que nos acompanhou até ao destino. Não posso dizer o mesmo.

Antes desta viagem, no meu parco currículo marítimo só constavam travessias do Mondego, do Tejo e do Sado ou do canal entre a Horta e a Madalena do Pico e, nos últimos anos, algumas viagens entre São Miguel e Santa Maria, durante o Verão, por atacado uma dúzia de horas em mar alto. Viajar pelo Atlântico Norte — “o mar dos Açores é um bocado duro”, lembraria mais tarde o marinheiro Domingos Castro — é outra coisa. Conhecedor dos efeitos dos elementos nas ilhas açorianas, que regularmente isolam e causam destruição no arquipélago, sabia que era de evitar a travessia durante os duros meses de Inverno, quando os navios mercantes podem levar uma semana a percorrer a distância que fizemos em menos de metade desse tempo, debaixo do efeito combinado do vento, da chuva e das vagas, que chega a lançar borda fora os enormes e pesados contentores. No primeiro contacto com a Mutualista Açoreana, em Janeiro de 2015, sou aconselhado a só viajar depois de Março, sendo a Primavera uma boa altura do ano para o fazer. E é assim que, pouco antes da meia-noite do dia 5 de Junho, vou a caminho do cais da Sotagus, no terminal de contentores de Santa Apolónia, em Lisboa, conduzido por um motorista de táxi intrigado com o meu destino. À sua escala, ele também é um homem do mar, tanto quanto se pode dizer isso de quem tem carta de patrão de costa, proprietário de um semi-rígido, que, como me conta, apanhou um valente susto quando foi surpreendido no mar de Porto Covo por ondas de quatro metros no dia 1 de Janeiro de 2004. Embora tenha acabado bem, é experiência que não mais se esquece e ser-

viu de lição: “O mar impõe respeito e avisa sempre quando vai mudar, mas é preciso saber ler os sinais.”

Uma avaria na grua do cais atrasou a colocação das mercadorias a bordo. O *Furnas* leva um pouco mais de meia carga, cerca de 2750 toneladas de adubos, fruta verde e outros produtos alimentares, automóveis, camiões, tanques cisterna e mercadoria diversa, que deixará em São Miguel, Santa Maria, Pico e Terceira, antes de rumar de novo a São Miguel, já no regresso a Lisboa — com leite e derivados, carne congelada e outros produtos açorianos, por vezes rezes vivas (não é o caso desta vez) —, onde se prevê que chegue a 14 ou 15 de Junho. Alterna estas viagens com o *Corvo*, o outro navio da companhia, duas vezes por mês, num total de 25 a 26 viagens por ano. Devíamos sair por volta das oito da noite, largámos à uma da manhã do dia 6, um sábado. As 12 horas seguintes iriam ser difíceis para mim.

A saída da barra do Tejo fez-se sem problemas, pois o tráfego é quase nulo a esta hora tardia. Os faróis e bóias sinalizadoras dispensam a presença directa do piloto de barra. Estamos em mar aberto quando as luzes de costa deixam de se ver e a força da ondulação começa a sentir-se a bordo. Por volta das três da manhã, começo a sentir-me ligeiramente mareado e recolho às instalações que me foram destinadas. É um pequeno camarote espartano, como seria de esperar, mas com o conforto essencial para uma viagem como esta — cama, mesa com sofá corrido, mais uma pequena mesa e respectiva cadeira, roupeiro e casa de banho com água quente e fria. Duas escotilhas deixam ver o mar e dão para um *deck* exterior, de onde se acede ao pavimento inferior e à balsa salva-vidas. Que mais se podia pedir?

Para um aprendiz de marinheiro, o som da casa das máquinas é tudo menos embalador. Juntando a isso a sensação cres-

cente de enjoo, mesmo quando deitado, ficam reunidas as condições para uma noite mal passada. Acordo de vez com a primeira luz do dia, levanto-me e ainda consigo tomar banho, cambaleando ao ritmo do balanço do navio. O erro fatal do dia vem a seguir, ao levar à boca uma bebida de arroz que sai do estômago ainda mais depressa do que entrou — e não estou a exagerar!

Por volta das 13 horas, o telefone interno toca no camarote. É o comandante do navio, Rui Nascimento, que pede notícias, certamente já intuindo que o seu novel tripulante está em maus lençóis. “Coma alguma coisa, coma alguma coisa!”, quase implora, lembrando-me de que é o segredo para evitar o ciclo infernal da ingestão-vômito, um dos fantasmas que perseguem qualquer homem do mar. A medo, levo à boca pedacinhos de bolachas integrais, temendo a reacção de horas antes com a ingestão de líquidos. Nada acontece, volto para a cama e adormeço.

São quase cinco horas da tarde quando, sentindo-me melhor, ganho coragem e saio do camarote. Subo à ponte de comando ainda razoavelmente mareado — é o ponto mais alto do navio e onde se sente mais a ondulação — e sou recebido com palavras de encorajamento. O comandante é um homem afável na casa dos 40 anos, pai de dois filhos pequenos, incansável nas explicações sobre a vida a bordo. Fala-me das características operacionais do transporte marítimo, no qual não importam apenas critérios de ordem financeira. Em cada viagem há que ponderar o gasto de combustível, a velocidade de deslocação, os custos de carga e descarga em cada porto e, por último, mas não menos importante, as condições meteorológicas e o estado do mar. Sabe que tem uma profissão dura, com muito tempo longe da família, da qual tem de se gostar. “A vida no mar muda-nos muito, as ausências mais

ou menos prolongadas acabam por afectar a vida das pessoas”, reconhece.

Filipe Gomes, um florense de 30 e poucos anos a prestar serviço no *Furnas* desde 2012, é imediato há pouco tempo. Optou pela Mutualista Açoreana por ter oportunidade de regressar com regularidade ao arquipélago, à sua ilha, e ver o pai — “isso para mim é muito importante”. Quando fala dos Açores e, em particular, das Flores, transfigura-se. Amante do mergulho e da pesca, comprou e recuperou uma pequena casa junto ao mar, outrora usada como abrigo para a caça da baleia, que tenciona reconverter para turismo rural. Faz questão de me mostrar as fotografias que traz sempre consigo. À data desta viagem, estava prestes a iniciar actividade de formação de mergulho na ilha, onde ambiciona regressar um dia para viver, talvez como piloto de barra. Mas sabe que, antes disso, tem de convencer a namorada, cuja formação em Geografia de pouco lhe servirá, numa pequena ilha com três mil habitantes e escassas oportunidades de trabalho.

Ambos vão desfiando pequenas histórias e curiosidades, em boa parte retiradas da experiência e do livro da vida no mar. Um conta (não é preciso dizer quem) que o abastecimento de água na ilha das Flores é gratuito e os consumidores só têm de pagar uma pequena importância mensal para a manutenção da rede, tudo isso porque é a ilha dos Açores onde mais chove e a rede de lagoas em altitude permite armazenar a água com enorme eficácia. Já no Pico, o anel de nuvens que frequentemente se forma em torno da montanha é anunciador de mau tempo; e, quando Santa Maria se avista a partir de São Miguel, é garantido que a borrasca está prestes a chegar à ilha. Também fico a saber que, para estes homens do mar, o melhor porto dos Açores para trabalhar é o de Ponta Delgada, embora por vezes a água galgue o molhe quando o vento sopra de sul,